

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Portella

Oitocentos

TOMO III

Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal

2ª Edição

Rio de Janeiro
CEFET/RJ
2014



2014

Realização da Publicação

CEFET/RJ

UFRRJ

Museu da República/RJ

Organização

Arthur Valle

Camila Dazzi

Isabel Portella

Projeto Gráfico

Camila Dazzi

Revisão e Editoração

Smirna Cavalheiro/ComTexto

Editoras

CEFET/RJ

DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no III Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700
O39

Oitocentos - Tomo III : Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª.
Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).- Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II.
600 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-010-5

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Portugal. 4. Arte – História. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel. IV. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-010-5



9 788570 680105



17. É uma Casa Portuguesa com Certeza?

O Programa Decorativo do Palácio Nova Friburgo

Isabel Sanson Portella¹



Antonio Clemente Pinto, português de origem humilde, chegou ao Brasil em 1807, aos 12 anos, acompanhado de seu tio João Clemente Pinto Filho. Estabeleceu-se por conta própria e iniciou as atividades que o tornariam um dos mais ricos cafeicultores do Segundo Reinado. O caminho que o levou a constituir uma das maiores fortunas do Império não foi longo: em menos de vinte anos já estava estabelecido na região serrana fluminense, onde começou com a mineração de ouro e, mais tarde, com o cultivo do café. As terras cultivadas, as florescentes lavouras de café deram origem à aristocracia rural no Brasil. Os proprietários de terras e de escravos enriqueceram rapidamente durante esse ciclo de produtividade.

O homem da roça, o português rústico que aqui chegou pobre acumulou desse modo uma fortuna incalculável, tornando-se proprietário de 15 fazendas, cerca de dois mil escravos e diversas propriedades na cidade do Rio de Janeiro. Empreendedor, muito colaborou para o desenvolvimento das cidades de Cantagalo, Nova Friburgo e São Fidelis. Em 1854, por decreto do Imperador D. João VI, recebeu o título de Barão de Nova Friburgo, devido à sua ligação com essa cidade, afirmando assim sua posição social e sucesso econômico.

Iniciou então o projeto de construção de sua residência, que viria a ser um dos mais exuberantes edifícios imperiais do Brasil. A história do Palácio começou a ser traçada mais exatamente em maio de 1858, quando foram fincadas as primeiras pedras que serviriam de alicerce à construção do edifício.

Num cenário bucólico, repleto de pequenas chácaras e comércio ainda restrito, o português Antônio Clemente Pinto adquiriu uma casa e um terreno de

¹ Doutora em História e Crítica da Arte UFRJ/EBA, pesquisadora de acervo do Museu da República Ibram/MinC, curadora da exposição **Você conhece, você se lembra? Tá quente, tá frio** (Museu da República, 20 de maio de 2011 a 20 fevereiro de 2012).

fundos que se estendia até a Praia do Flamengo. Anos mais tarde adquiriu mais duas casas contíguas que serviram para ampliar o jardim da residência do Barão.

Encomendou ao arquiteto alemão Carl Friedrich Gustav Waehneltdt um projeto que, apresentado na Exposição Geral da Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro em 1862, ganhou a medalha de prata. Pode-se notar no projeto a nítida influência da arquitetura italiana, mais precisamente dos palácios urbanos de Florença do final do século XV e dos palácios de Veneza.

Para a execução do projeto empregou artistas renomados como o escultor português Quirino Antônio Vieira, que confeccionou ornamentos e fachadas; Emil Bauch, pintor e gravador alemão, premiado em 1860 com medalha de ouro na Exposição Geral de Belas-Artes, a quem foram encomendadas várias pinturas decorativas, dentre elas um enorme quadro do Barão e Baronesa de Nova Friburgo; e o estucador Bernardino da Costa, autor das portas do andar térreo.

O material, quase todo importado da Europa, foi utilizado na construção dos três pavimentos que compõem o prédio. Assim como os palácios florentinos, o primeiro piso era destinado a serviços gerais e primeiras recepções; no segundo, conhecido como piso nobre, luxuoso, colorido e exuberante, aconteciam as festas; e o terceiro abrigava os dormitórios e áreas reservadas à família.

Algumas soluções típicas da arquitetura renascentista italiana foram aplicadas, como o *cortille*, ou pátio interno, arrematado ao alto por um grande vitral sob a clarabóia, de origem alemã, cujo desenho é de autoria do próprio Gustav Waehneltdt.

Para a decoração do Palácio foram encomendados na França imensos lustres, (os do segundo andar eram iluminados à vela). O mobiliário veio praticamente todo da França. As pinturas decorativas, ricas em alegorias e reproduções de mestres italianos como Rafael e Murillo, se espalham pelos diversos salões, em profusão. Os elementos decorativos de mármore das fachadas foram encomendados em Portugal.

Coerente com os padrões renascentistas, o projeto revela uma grande influência neoclássica já que a utilização de elementos da mitologia greco-romana é frequente na decoração do Palácio. Na fachada principal, sobre as portas da entrada, foram esculpidas as representações dos deuses da mitologia romana: Apolo, deus da

música, da poesia, da medicina e das artes; Diana, deusa da caça; Mercúrio, deus da eloquência e do comércio; e Ceres, deusa da agricultura.

No interior da casa, e ainda com mais frequência, diversas serão as inserções mitológicas, permeadas por elementos arquitetônicos e decorativos de diferentes épocas e estilos que contrastam com a marcada influência italiana [Figuras 17.1, 17.2, 17.3 e 17.4]. São frequentes as reproduções de pinturas e afrescos de diversos palácios europeus, principalmente os italianos. Já que o Barão não podia ter os originais, pelo menos as cópias foram encomendadas e reproduzidas sob medida para os espaços a que se destinavam.

É uma casa impressionante. São três andares com cerca de 35 saletas, salas e salões e isto sem contar com as áreas de passagem. Um salão nobre dedicado a Apolo, uma capela, uma sala inspirada em Pompeia e outra no Palácio de Alhambra, todas carregadas de uma profusão de cores que apontam para o neoclassismo europeu.

Segundo histórias que a família conta, o barão, em meio à construção de mais uma sede numa de suas propriedades, ouve um amigo chamá-lo de louco por investir tanto dinheiro e trabalho em construções que não trariam lucro ou proveito. Sábio, responde: “*as minhas loucuras eu as faço de pedra e cal!*”²

Materiais, artesãos, pintores e arquiteto de diversas localidades da Europa foram contemplados nesta obra. O proprietário português soube cercar-se do que havia de mais nobre na ocasião da construção. Não poupou gastos, não mediu esforços para construir com “pedra e cal” sua “loucura”.

Somente em julho de 1866, após oito anos de obras que contaram com a participação de operários e artesãos portugueses e brasileiros, além de um grande contingente de escravos, o então Palácio Nova Friburgo receberia seus proprietários: o barão, a baronesa – Laura Clementina da Silva Pinto –, e os dois filhos do casal, os futuros conde de São Clemente e conde de Nova Friburgo.

Apesar do grande investimento naquele que seria o símbolo maior de sua riqueza, pouco tempo usufruiu de seu palácio o barão de Nova Friburgo, pois nele faleceu em 4 de outubro de 1869, deixando o prédio como herança para seu

² FOLLY, Luiz Fernando Dutra; OLIVEIRA, Luanda Jucyelle Nascimento; FARIA, Aura Maria Ribeiro. **Barão de Nova Friburgo**: impressões, feitos e encontros. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA Publicações, 2010, p. 10.

primogênito, o conde de São Clemente. Nesse período, são registradas algumas descrições que dão conta da exuberância e do luxo da edificação, como o relato de Joaquim Nabuco, que esteve no Palácio por ocasião do aniversário do conde, em 15 de setembro de 1875:

Durante horas tive ali uma das ilusões mais completas da minha vida; (...) as paredes forradas em toda altura de espelhos que multiplicavam as velas sem número dos enormes lustres de cristal; (...) os móveis suntuosos, (...). Nas vilas de Roma eu não compreendi tão bem a vida do luxo, o prazer da nobreza de sentar-se à mesa carregada dos mais finos cristais, com um horizonte alargado pelos espelhos (...). Quanto à animação que reinou (...), basta dizer aos curiosos que, quando ela acabou, o sol tinha-se levantado sobre as montanhas, o que me fez escrever no meu diário adiante de 15 de setembro: a noite mais curta do ano.³

O Barão de Nova Friburgo, personalidade marcante, deixa um legado não só para filhos e netos como para uma cidade e, conseqüentemente, por razões posteriores, para o país. Joaquim Nabuco, em 1875, já antevia o futuro do Palácio Nova Friburgo:

Qualquer que seja a sorte de tal edifício, durante os séculos que ele conservar-se de pé, a tradição virá recolher, sobretudo a lembrança dos que primeiro o habitaram.

³ NABUCO, Joaquim. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19/9/1875.



Figura 17.1 - Detalhe da decoração da escadaria do Palácio do Catete, atual Museu da República.



Figura 17.2 - Detalhe em bronze das almofadas da porta da Capela do Palácio do Catete, atual Museu da República.



Figura 17.3 - Detalhe da pintura do Salão Francês do Palácio do Catete, atual Museu da República.



Figura 17.4 - Detalhe da decoração do Salão Mourisco do Palácio do Catete, atual Museu da República.